

(Transcrição da gravação)

Tivoli, 28 de setembro de 1984.

Chiara fala sobre Igino Giordani

Senhoras, Senhores, eminentes autoridades de Tívoli, familiares e amigos de Igino Giordani, vindos de longe para recordá-lo nesta cidade tão querida ao seu coração, onde nasceu e à qual permaneceu sempre ligado.

Desejo agradecer primeiramente, à cidade de Tívoli e, em particular, ao Senhor Prefeito, ao Vereador Veroli e a toda a administração municipal. Agradecer a ideia deste "Prêmio" que manterá viva a memória do deputado Igino Giordani, ilustre cidadão desta cidade; e agradecer também pela honra que me quiseram conceder, como sinal de reconhecimento pelo comum ideal que uniu estreitamente Igino Giordani ao Movimento dos Focolares.

Dirijo também um agradecimento particular ao deputado Tommaso Sorgi pela sua presença e pelas suas palavras.

Como se sabe e como ouvimos, Igino Giordani foi uma eminente personalidade do mundo católico italiano, uma figura multifacetada que uniu sempre ao empenho político uma intensa e fecunda atividade cultural, como jornalista e escritor, apologista e biógrafo, hagiógrafo e notável estudioso dos Padres da Igreja e da Doutrina Social Cristã.

Seria possível falar muito desta grande personalidade segundo os vários aspectos que o tornaram famoso. Permitam-me, porém, dizer algumas palavras sobre ele como cristão, embora esta não seja uma tarefa fácil. Igino Giordani foi uma figura tão rica e nobre, excepcionalmente sensível e superior ao comum, que seria necessário possuir o seu estilo para poder delinear somente alguns traços da sua figura.

Alguém disse que, se o Evangelho desaparecesse em todos os pontos da terra, o cristão deveria viver de tal modo que quem visse a sua vida pudesse reescrevê-lo.

Pois bem, Giordani foi um destes cristãos. Quando deixou esta vida, no dia em que nos reunimos todos à sua volta para o último adeus - vieram milhares de pessoas de todos os lugares do mundo - foi lida durante a Missa aquela página conhecida do Evangelho, as Bem-aventuranças. Todos os que o conheceram bem eram unânimes em constatar e afirmar que ele vivera todas.

Tinha sido com efeito um "puro de coração" de modo excepcional. Esta pureza o levou a definir a existência terrena do homem, porque sempre acompanhada pelo amor providencial de Deus, (na boa sorte e na má sorte) uma aventura divina.

Esta pureza de coração refinou os sentimentos mais sagrados, potencializando-os. Amava com grande ternura a sua esposa. Comovia e impressionava o seu afeto intenso para com os quatro filhos e para com os netos, revelando-se um pai e um avô perfeito.

Foi um "pobre de espírito" pelo desapego completo não só de tudo o que possuía mas sobretudo de tudo o que era.

O seu coração estava cheio de "misericórdia". A seu lado, até o mais miserável dos pecadores se sentia perdoado, e o maior indigente se sentia um rei.

Foi sempre um "construtor de paz", como testemunha também a sua história de homem político.

E alcançou uma tal "mansidão" que se percebe o que diz o Evangelho que, quem possui esta virtude, possuirá a terra. Ele, com a mais esmerada gentileza, com aquele seu modo nobre de tratar e de falar, conquistava todas as pessoas que encontrava, e quem estava a seu lado, sentia-se à vontade e considerado com dignidade. Os jovens estabeleciam com ele uma relação de igual para igual, e não era raro ouvir alguém afirmar que, sobretudo nos últimos anos, irradiava da sua pessoa algo sobrenatural.

Experimentou também a bem-aventurança do sofrimento na alma e no corpo ("Bem-aventurados os aflitos...", diz Jesus) porque, bem enraizado no mistério da cruz, sabia transformar por uma alquimia divina - assim explicava ele - a dor em amor.

Tal como os verdadeiros cristãos tinha realmente "fome e sede de justiça", pela qual combateu durante toda a vida.

Também sofreu "perseguições" por causa do nome de Deus, razão pela qual pensamos que hoje já possui o Seu Reino.

Sim, podia-se ler nele o Evangelho; também aquela parte que diz que devemos "tornar-nos crianças".

Excelente cristão, culto, apologista, apóstolo, quando teve a impressão de ter encontrado uma nascente de água genuína que jorrava da Igreja, como novo testemunho de que o Espírito Santo está sempre vivo e ativo nela, soube pospôr tudo para seguir Jesus que o chamava a saciar-se com aquela água.

Vivia também o Evangelho da humildade. Quando pensava, por exemplo, que alguém do nosso Movimento lhe reservava algum privilégio - devido ao seu respeitável passado - implorava que o tratassem como a todos os outros.

Mas em Giordani era característico sobretudo, como foi dito, o Evangelho do amor.

Sedento de Deus desde a infância, mas chamado a viver no meio do mundo, descobriu um modo de elevar-se ao Eterno, talvez o mais seguro de todos os modos. Tratava-se - descrevia ele - de três etapas, como três pontas de um triângulo: eu, o irmão, Deus. Estava convencido de que alcançaria Deus amando o irmão, por meio do irmão, servindo todos os irmãos que encontrava durante o dia.

Fez assim e subiu muito alto. Quanto mais amava os irmãos, mais crescia no seu ânimo a união com Deus, e vice-versa, quanto mais estava unido a Deus, mais se refinava a sua caridade para com cada próximo.

Por isso foi grande realmente também como cristão, porque viveu acima de tudo aquela lei evangélica que resume de certo modo todas as outras: o amor ao próximo.

Mas se Giordani foi um verdadeiro cristão, foi também um cristão especial. Com efeito, Deus chamou-o a ser cofundador de uma obra nova na Igreja, a que deu uma contribuição insubstituível nos últimos 32 anos de sua existência.

Ele sempre esperara que se lhe abrisse uma porta para realizar aquele desejo, que lhe consumia a alma, de consagrar-se totalmente a Deus não obstante a sua condição de casado. Tinha procurado muito e eis que em 1948 se deparou com o Movimento dos Focolares, que nascera havia apenas cinco anos.

Ele abriu o focolare (centro animador do Movimento que até ali era formado apenas por virgens) aos casados que, seguindo-o, provaram o desejo enorme de santidade e de consagração, tornando possível assim aquele projeto, antes somente entrevisto, de uma convivência de virgens e casados - na medida em que lhes é consentido pelo próprio estado - à imagem da Sagrada Família de Nazaré.

Contribuiu de modo extraordinário para o nascimento das várias ramificações desta Obra - os Movimentos de amplo alcance -, tal como o Movimento Famílias Novas, em que o casal faz da célula familiar uma pequena Igreja viva, e o Movimento Humanidade Nova, que se esforça em animar com o espírito cristão genuíno o mundo do trabalho, da arte, da medicina, da escola, da política, e assim por diante.

Personificou um dos objetivos mais importantes desta Obra: concorrer para a reunificação das Igrejas.

Ajudou sobretudo o Movimento a enraizar-se solidamente na Igreja até ver, ainda em vida, que os seus ramos se estendiam pelos cinco continentes, em mais de 140 nações, com todo o bem que se pode imaginar se considerarmos que o espírito evangélico do Movimento, que salienta a fraternidade universal,

o respeito e o amor recíproco, a unidade entre todos os homens, é tão adequado para estes tempos, atormentados por tensões, discriminações, divisões e guerras.

Giordani foi um dos maiores dons que o Céu concedeu ao Movimento dos Focolares.

Ele dedicou grande parte da sua existência a esta nova realidade da Igreja, que tem também outro nome: "Obra de Maria". "De Maria" porque nos parece que aqui, como em outros tempos e lugares da terra, é sobretudo Maria que atua, a Virgem, a Mãe da Igreja e da humanidade.

A nossa impressão é que Maria, de quem se apaixonara, o tenha premiado, fazendo dele um seu eleito, ou ainda mais, transportando-o, de certo modo, à esfera dos místicos.

São Luiz Grignon de Montfort, falando destas pessoas que a Virgem ama de modo especial, diz que a graça principal que elas recebem é a realização, aqui na terra, da vida de Maria nas suas almas, de tal maneira que já não é a alma que vive mas Maria nela ou, se preferirmos, a alma de Maria torna-se a sua.

Igino Giordani no seu Diário de 1957, depois de ter aprofundado o mistério da Desolação de Maria aos pés da cruz, escreve uma página extraordinária, uma das mais belas e importantes, do ponto de vista espiritual, escritas por ele:

"Ao meditar este mistério - a realidade deste sofrimento - na noite do primeiro dia de outubro, mês consagrado a Maria, após as orações, de repente a minha alma foi despojada de coisas e criaturas e, em seu lugar, entrou Maria e, com Jesus esvaído em sangue, todo o recinto da alma encheu-se com a sua figura de dor e de amor. Tendo-a em mim, compreendi a frivolidade dos meus afetos pelas coisas transitórias. Durante 24 horas, ela esteve como um altar que sustenta a Vítima: 'Virgo altari Christi'. A minha alma era o seu recinto: o templo. Após 24 horas, a minha participação à sua angústia e o amor por ela, produziram a unidade entre ela e a alma. Pareceu-me que Maria se tornasse a minha alma; ela não era mais a minha hóspede, mas eu tornei-me o seu hóspede, de tal forma que exclamei: já não sou eu que vivo, é Maria que vive em mim.

A sua presença tinha virginizado a minha alma, 'marianizado' a minha pessoa. O meu 'eu' parecia estar morto e nascera Maria em seu lugar. Assim não senti mais a necessidade de olhar e venerar outras imagens suas; bastava-me fixar os olhos da alma dentro de mim para perceber, no lugar do ídolo sórdido e grotesco de sempre, a toda Bela, a Mãe do Belo Amor. E até este pobre corpo sofrido me parecia uma espécie de catedral onde Maria, com Jesus morto, evoca o Esposo, que convoca a Trindade.

Se não sou o último dos vilões devo tonar-me santo: estar em harmonia com esta realidade."

E nós pensamos que, entre as várias metas alcançadas na sua vida, exista provavelmente também a da santidade, porque também isto foi Igino Giordani: um verdadeiro seguidor de Cristo, um homem de Deus.